



Anne with an e: história da educação em série

Anne with an e: history of education in series

MARCELO GOMES DA SILVA ^a

RAFAEL HENRIQUE DA SILVA GUIMARÃES ^b

Resumo

Este trabalho visa analisar o papel educativo da série *Anne with an E* por via dos enfrentamentos que surgem na vida de sua personagem principal, “Anne”. Para tanto, a operação metodológica se deu a partir da análise dos discursos abordados nos episódios retratados na série. Acreditamos que o seu alcance extrapola o campo do entretenimento, funcionando, também, como um recurso educacional por trazer problemáticas que envolvem discussões sociais abordadas na atualidade, bem como pelo alcance cognitivo afetivo (ALBUQUERQUE JR, 2016) que a produção cinematográfico-televisiva pode proporcionar. A própria trajetória da personagem – da infância à adolescência – nos remete a um universo de aprendizados, explícito no processo de amadurecimento e descobertas, que podem se tornar temáticas de trabalho em sala de aula, à luz da História da Educação. Entrelaçados a isso, insurge um contexto de enfrentamentos, elucidado nas figuras de diferentes personagens que vão surgindo ao longo da narrativa, que enfrentam questões em torno da sexualidade, de questões étnico-raciais, além da discussão de gênero, um debate central na história de *Anne with an E*.

Palavras-chave: História da Educação. Série. Gênero. Questões Étnico-Raciais.

Abstract

This work intends to analyze the educational function of the series *Anne with an E* through the confrontations that emerge in the life of its main personage, “Anne”. Therefore, the methodological operation was made from the analysis of the speeches addressed in the episodes covered in the series. We believe that its reach goes beyond the entertainment field, also functioning as an educational resource because it brings problems that involve social discussions addressed today, as well as the affective cognitive reach (ALBUQUERQUE JR, 2016) that cinematographic-television production can provide. The personage own trajectory - from childhood to adolescence - takes us to a universe of learning, explicit in the process of maturation and discoveries, which can become themes of work in the classroom, in the light of the History of Education. Related to this, it is possible to verify a context of confrontations, elucidated in the figures of different characters that emerge throughout the narrative, who face issues around sexuality, ethnic-

^a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA), BA, Brasil. Doutor em Educação e-mail: mgsilva@uesc.br <https://orcid.org/0000-0001-8224-0152>

^b Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA), BA, Bacharel em Direito e Graduando em História e-mail: adv.rafaelguimaraes@gmail.com ; <https://orcid.org/0000-0003-0134-2582>

racial issues, in addition to the discussion of gender, a central debate in the history of *Anne with an E*.

Key-words: History of Education. Series. Genre. Ethnic-Racial Issues.

Resumen

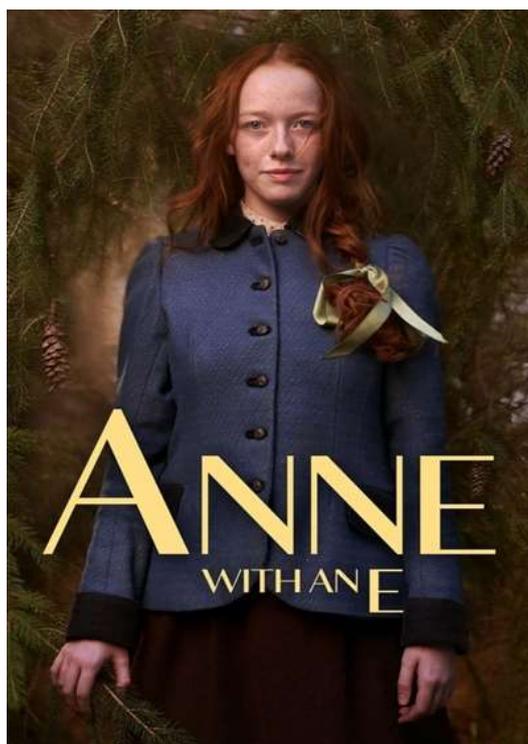
Este trabajo tiene como objetivo analizar el papel educativo de la serie *Anne with an E* a través de los enfrentamientos que surgen en la vida de su personaje principal, "Anne". Por lo tanto, la operación metodológica se realizó a partir del análisis de los discursos abordados en los episodios que se acercó en la serie. Creemos que su alcance va más allá del campo del entretenimiento, también funciona como un recurso educativo porque trae problemas que involucran discusiones sociales abordadas hoy, así como el alcance cognitivo afectivo (ALBUQUERQUE JR, 2016) que la producción de televisión cinematográfica puede ofrecer. La propia trayectoria del personaje, desde la infancia hasta la adolescencia, nos lleva a un universo de aprendizaje, explícito en el proceso de maduración y descubrimientos, que pueden convertirse en temas de trabajo en el aula, a la luz de la Historia de la Educación. Entrelazado con esto, surge un contexto de confrontaciones, aclarado en las figuras de diferentes personajes que surgen a lo largo de la narración, que enfrentan problemas relacionados con la sexualidad, cuestiones étnico-raciales, además de la discusión de género, un debate central en la historia de *Anne with an E*.

Palabras clave: Historia de la Educación. Series. Género. Cuestiones Étnico-Raciales.

Introdução

Os seriados, filmes, novelas, as mídias digitais em geral, são suportes que possibilitam uma circulação de conteúdos e temáticas em nível global e atingem diferentes públicos. Esta característica já seria suficiente para atentarmos sobre o que está sendo produzido e compartilhado entre as crianças, jovens e adultos ao redor do mundo. O que esses conteúdos transmitem em termos de padronização de comportamentos? Que ideais de sociedade são veiculados a partir das narrativas digitais? Qual a perspectiva, ou melhor, a potencialidade educativa desses suportes? Não pretendemos responder a todos os questionamentos feitos neste texto, seria demasiadamente pretensioso, visto tamanha abrangência das discussões. No entanto, eles sinalizam para outras reflexões que emergiram após assistirmos a série chamada *Anne with an E*.

Figura 1 – Personagem principal *Anne*.



Fonte: maxseries.tv

A produção é uma série de televisão canadense, original do canal CBC Television, transmitida, mundialmente, através da popular plataforma de streaming Netflix. A história é baseada nas obras de literatura juvenil da autora canadense Lucy Maud Montgomery, notadamente, *Anne de Green Gables*, livro datado de 1908. Trata-se de mais uma iniciativa que, por via de um roteiro adaptado, remonta aspectos de uma obra que, apesar Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 1, n. 3, p. 111-131, set./dez. 2019

de pouco conhecida no Brasil, até então, tem alcance mundial, tendo sido tema de diversas outras produções – teatrais, cinematográficas e até de animação (RAMALHETE; STEN, 2018, p.433).

A série teve sua estreia em 2017 e retrata a vida da personagem principal, Anne, uma jovem pré-adolescente, órfã, de cabelos ruivos, que acaba, por equívoco – já que os mesmos pretendiam adotar um menino – sendo conduzida para adoção por dois adultos de meia idade, os irmãos Matthew e Marilla Cuthbert. Seus pais adotivos tratam de dois solteiros, solitários, agricultores e proprietários de uma fazenda, a Green Gables.

A trama começa com uma mescla de recursos de dramaticidade intercalados com humor ao destacar a personalidade falante, sonhadora e hiperativa da garota contraposta à sobriedade e rigidez do casal de irmãos, diferença que se sobressai e que leva à quebra de expectativas com a chegada da menina, situação evidenciada, pois, há no episódio a ênfase na adoção pelos irmãos por motivações puramente pragmáticas, a fim de se ter mais um componente masculino para o trabalho na fazenda. O enredo desenvolve-se de maneira que a órfã, após provar heroica e repetidamente seu caráter e valia, tanto no seio familiar quanto para a comunidade de Avonlea, conquista espaço, respeito, reconhecimento e amor.

Em suas três temporadas contendo vinte e sete episódios, a série é permeada de debates e temáticas que podem ser considerados pertinentes para uso em sala de aula, ao mesmo tempo em que consideramos ser educativa, nesse aspecto, por desencadear reflexões a partir de uma estratégia cognitiva muito peculiar em narrativas cinematográfico-televisivas, ou seja, a capacidade de emocionar o público. Anne faz isso, ela transborda sentimento na produção da narrativa.

Essa relação cognitiva, pela emoção, produz uma capacidade de alcance que não pode ser desprezada. O historiador Durval Muniz Albuquerque Junior, aponta a importância dessa estratégia no Ensino de História. Para o autor,

Se ensinar é marcar, se ensinar História é produzir marcas temporais, é discutir e fazer ver as marcas que o tempo deixa em nossos corpos, em nossas vidas e nas nossas sociedades, o ensino da História deve ser capaz de expor feridas, de remexer traumas, de expor a carne sagrando, os corpos em sofrimento, os homens em comoção. Não podemos continuar produzindo gente frígida diante da dor passada, gente insensível à dor do outro, incapazes de imaginar e sentir a dor lancinante da perda de um ente amado. Se a escola é o lugar da produção da subjetividades, é o lugar da produção de humanos. Que humanos queremos produzir?, deve

ser a pergunta principal (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2016, p.40).

É impossível se manter “insensível” a dor “da perda” sofrida pela personagem Anne. Na própria história, toda a comunidade é transformada, de alguma forma, com a sua chegada, de modo a se observar que poucos entre eles se mantiveram “frígidos” com os seus questionamentos. A personagem cultiva o ar questionador – da infância à adolescência – e, durante sua trajetória, a mesma enfrenta e impõe discussões e debates, que vão de encontro aos valores de época.

A primeira vista, a personagem expõe uma menina sonhadora, com personalidade otimista, criativa e muito comunicativa, dotada de conhecimentos incomuns à sua idade, gênero e perfil social. De fato, a característica que prepondera na personalidade da personagem é sua inteligência, sagacidade de raciocínio e inesgotável curiosidade por novos conhecimentos.

Com o desenrolar da trama, ficam perceptíveis outras características da personalidade de Anne que nos interessa pelo aspecto educativo. Entre elas, devemos enfatizar sua capacidade de articular os conhecimentos obtidos a partir das suas experiências – mesmo jovem, em outras casas onde havia já sido adotada – com os saberes da sua vida cotidiana, aplicando-os em situações concretas, vislumbrado em circunstâncias nas quais a pequena heroína “salva” a vida de amigos, vizinhos e pessoas de sua comunidade ao tomar a frente na resolução de problemas.

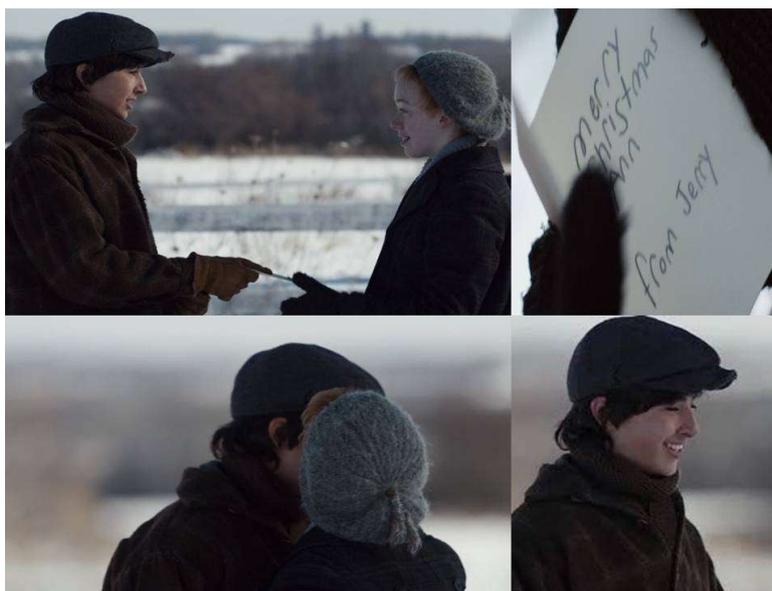
Aliás, no aspecto das relações humanas, Anne se sobressai dos demais por encarnar um caráter único e complexo que perpassa pela sensibilidade e o enfrentamento das diversidades. Ao mesmo tempo em que se põe disposta a se envolver, empaticamente, nas diversas questões da comunidade de Avonlea ou das pessoas do seu círculo mais restrito, Anne, também, se insurge contra os regramentos de coerção social deste mesmo cenário, desafiando padrões impostos ao gênero, faixa etária e origem social, objetos de constante ridicularização a sua pessoa.

Anne se revela uma estudante ágil, inquieta e desafiadora. Sua postura crítica confronta, naturalmente, o *status quo* imposto no tempo-espço da obra, chegando a causar desconforto e irritação das mais diversas pessoas: vizinhos, amigos da família, mestre/professor e de algum dos seus colegas de turma, ao cometer certas atitudes ou abordar questões sensíveis à etiqueta social, principalmente, as que representam verdadeiros tabus à condição de menina/moça/mulher.

Tidas como escandalosas ou impudicas para o padrão burguês-protestante-moralista da sociedade vitoriana, as dúvidas de Anne, assim como seus anseios e experiências acumuladas por meio de uma infância exposta precocemente à vida adulta, por vezes, causam escândalos e conflitos na ordem da sociabilidade a qual está inserida, sendo fator de acréscimo a uma exclusão social já patente na sua condição de menina órfã.

Interessante, por outro lado, é ver a clara disposição de vincular sua personagem à figura do magistério. Sempre ávida por conhecer, mas também por ser via direta na condução da aprendizagem. Anne, como foi possível notar na obra filmica ou na literária, torna-se uma professora. Tal aspecto é bastante ressaltado na série tanto na sua disposição, quase natural, para liderar e conduzir seu grupo de amigos, mas, principalmente, nas tomadas em que ela assume o processo de alfabetização do menino Jerry, o ajudante da fazenda de seus pais adotivos.

Figura 2 – Jerry presenteia Anne com um cartão após aprender a ler e escrever com ela

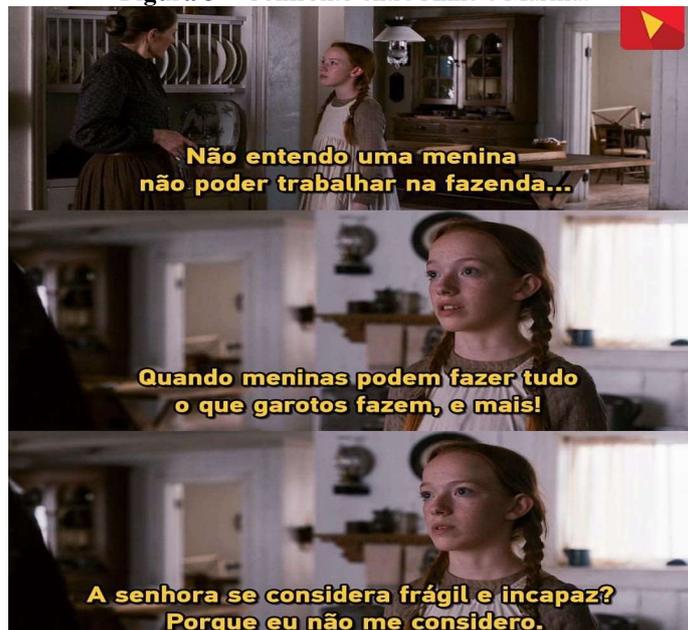


Fonte: esoprasaber.blogspot.com

Da infância à adolescência, sua história nos remete a um universo de aprendizados, explícito no processo de amadurecimento e descobertas. Entrelaçados a isso, insurge um contexto de enfrentamentos, esboçados nas figuras das personagens que vão surgindo ao longo dos episódios, que enfrentam questões em torno da sexualidade, de questões étnico-raciais, além das discussões de gênero, um debate central na série. Assim, neste trabalho destacaremos alguns temas tratados, que elucidam a possibilidade desses debates serem aproveitados em discussões em sala de aula à luz do campo da História da Educação.

“A senhora se considera frágil e incapaz? Porque eu não me considero”

Figura 3 – Confronto entre Anne e Marilla.



Fonte: br.pinterest.com

Um dos debates sobre gênero surge no primeiro episódio, quando Anne foi preterida por um menino para trabalhar na fazenda, fazendo com que a personagem principal confrontasse sua mãe adotiva ao se perceber reconhecida como menos útil e capaz do que alguém do sexo masculino (ANNE, Temporada 1, Episódio 1).

O contexto em que se passa a história era marcado por uma profunda desigualdade de gênero, onde o papel das mulheres era bem definido. A presença desse debate no livro/série é importante, tendo em vista que, no campo da investigação histórica, as mulheres foram, por muito tempo, “excluídas da História”, como destacado por Michele Perrot (2006). Neste aspecto é interessante que, em 1908, a literatura já abordasse essa temática. No Brasil, o livro foi publicado na coleção "Biblioteca das Moças", da Companhia Editora Nacional, em 1939¹.

Segundo Cássia Kirchner (2013) a Biblioteca das Moças era composta de obras traduzidas, principalmente do francês e do inglês, sendo consumida por leitoras mulheres jovens da elite brasileira. No entanto, a opção pelo recorte de gênero não é uma questão desprezível. Afinal, como aponta Joan Scott em relação à narrativa da história, ela é sempre “uma narrativa política” (SCOTT, 1992, p. 67). O contexto brasileiro apontava, como destacado por Gláucia Fraccaro (2016), uma diferença de gênero que era refletida,

inclusive, pela disparidade salarial, tanto entre homens e mulheres quanto entre meninos e meninas, no caso do trabalho infantil.

Podemos imaginar a identificação das leitoras do período do livro e das telespectadoras da série frente à divisão de tarefas, às questões ligadas à educação de moças e à etiqueta social, ao lugar social da menina e da mulher, às exigências de uma padronização na beleza e no comportamento da mulher e da menina, aspectos que são fartamente representados para fins de indução à crítica.

Os dois suportes da obra, em forma de livro e a produção televisiva, são separados por duas temporalidades, dois contextos que se desencontram em mais de cem anos. Este aspecto traz uma indagação interessante. Como, mesmo depois de tanto tempo, ainda nos impressionamos com as questões relacionadas ao gênero trazidas pela personagem? O que ainda permanece como estrutural na sociedade? Sabemos que certas estruturas devem ser analisadas a luz da “longa duração” (BRAUDEL, 2005) e, apesar de não centrarmos nossa atenção à leitura do livro para esmiuçar as diferenças da produção televisiva para a obra literária, acreditamos na manutenção da essência da personagem e o sentido do enredo.

Por ser releitura de uma obra literária do século passado e, considerando o tempo de produção da série que ora se analisa, isto é, 2017, não podemos desprezar o apelo e relevo mundial que se tem dado à questão de gênero neste último século, em especial nesta década, fator que só pode ter sido pendular ao se trabalhar um roteiro com base em um romance especialmente subversivo para a época, como *Anne de Green Gables*.

A emergência da discussão na literatura parece ter se dado, como já destacado, anterior à presença das mulheres nas pesquisas históricas. Este fato reflete para o contexto de produção das mesmas. Joan Scott diz que “a emergência da história das mulheres como um campo de estudo acompanhou as campanhas feministas para a melhoria das condições profissionais e envolveu a expansão dos limites da história” (SCOTT, 1992, p. 75).

Rachel Soihet (1997) acrescenta que as pesquisas sobre a ação das mulheres ocorreram em duas vertentes. A primeira, preocupada com o movimento organizado, de luta pela cidadania, o seja, os movimentos feministas. A segunda, com manifestações informais que se expressam em diferentes formas de intervenção e atuação femininas (SOIHET, 1997 p. 407).

O caminhar das mulheres, ao longo da história, foi feito de enfrentamentos e desafios que, de uma maneira ou de outra, envolveu a necessidade de rompimentos. Fosse através de ações simples, cotidianas, propondo-se a realizar algo que era considerado fora

Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 1, n. 3, p. 111-131, set./dez. 2019

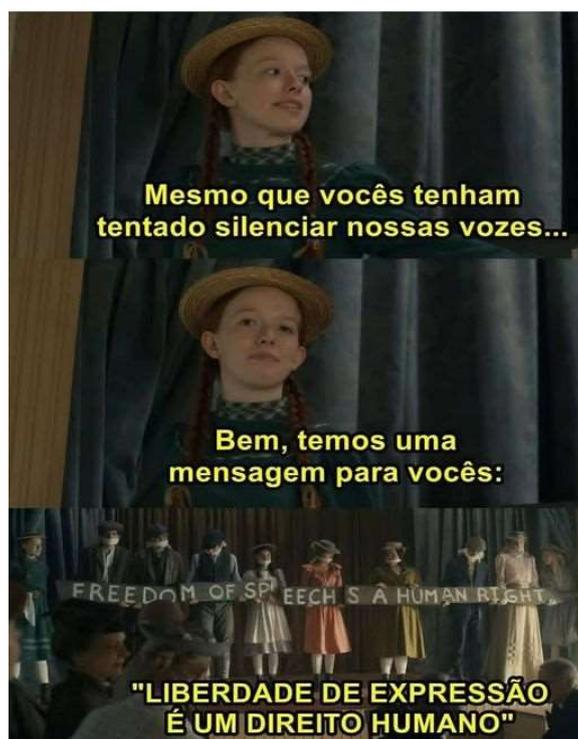
dos padrões morais (SILVA, 2012). São essas “ações cotidianas” que se destacam na série Anne, em diferentes situações retratadas ao longo dos episódios.

Ações esboçadas em uma simples percepção de sua visão de mundo ao não se enquadrar ao estabelecido. Isso pode ser ilustrado quando ela diz: “Não sou como as garotas que conheço só preocupadas em virar esposas” (ANNE, Temporada 1, Episódio 6). Ou ainda, em outro momento, quando vislumbra uma autonomia pouco expressada nas mulheres do final do século XIX: “Serei dona do meu nariz” (IDEM, Episódio 6). Havia uma estrutura que impôs às mulheres a obrigação com algumas funções que passaram a ser tratadas como naturalmente obrigações suas, como o cuidado com a família no espaço doméstico, do lar (ARAÚJO, 1993).

Nesse sentido, é digno de atenção o quase obsessivo mecanismo de que o corpo familiar e social se utiliza para buscar infundir à Anne Shirley um padrão de conduta e existência para qual se molde. Primeiro, aos regramentos morais e religiosos no seio da família *interna corporis*, depois, aos enquadramentos e arquétipos de feminilidade e mocidade num âmbito social mais amplo. No todo, representa muito bem a estrutura de condicionamentos coercitivos que as instâncias educativas desenvolvem para a reprodução do *status quo* no aspecto da divisão social, econômica e política de gênero, a qual é exemplificada, de diferentes formas, ao longo da série.

Essa reflexão se reforça, quando se compreende que regramentos sociais e os costumes, geram normas. Sabemos que as normas estabelecidas naquele contexto que definiam, por exemplo, que as mulheres deveriam andar sempre acompanhadas nos espaços públicos e condicionava, sob a acusação de imoralidade, sua convivência no espaço privado. Esse condicionamento era garantido, inclusive, pelas punições jurídicas estabelecidas sobre as mulheres que rompiam com essas normas (ESTEVES, 1989).

Na última temporada, após a criação de um jornal da escola, Anne escreve uma coluna no jornal sobre as mulheres, em defesa de sua autonomia, discorrendo sobre direitos humanos e igualdade. Ao ser questionada sobre o conteúdo não ser verdadeiro, ela responde: “Não é verdade que, se eu escolher me casar, minha vida pode ser negociada pelo maior lance de terras e vacas?” (ANNE, Temporada 3, Episódio 7). O desdobramento se dá pela suspensão da publicação do periódico e, após tal fato, a partir da união dos alunos em defesa do direito de expressão.

Figura 4 – Cena em defesa do direito de expressarem através do jornal da escola

Fonte: .pinterest.com.br

A imagem anterior demonstra a importância dada à série ao protagonismo feminino e seu lugar de fala e de participação nos espaços sociais. A questão de gênero, do mesmo modo, se interliga ao debate relacionado à sexualidade padrão, representada principalmente na figura do personagem “Cole”, um menino amigo de Anne que não se enquadra no modelo esperado, causando conflitos principalmente com o professor, Sr. Phillips. Entre as várias situações retradas de humilhação e castigo por parte do professor, simbolizando uma perseguição, durante uma aula, Cole faz tranças no cabelo de Anne e é interpelado pelo professor, Sr. Phillips: “Já que parece ter inclinações tão femininas, vamos satisfazê-lo esta manhã. Sente-se com as meninas” (ANNE, Temporada 2, Episódio. 5).

Em outro episódio, Anne pergunta para Cole, depois de um atrito com o Sr. Phillips, porque o professor o odiava tanto. Cole responde: “Ele queria me machucar hoje, porque não pode punir a si mesmo. Por ser como eu” (IDEM, Episódio 8).

São três as personagens homossexuais. O professor Phillips, que não é explicitado, fica apenas uma ilação a partir dos acontecimentos; Cole, que se declara; e, Gertrudes, tia da Diana (melhor amiga de Anne), uma senhora que viveu um casamento não convencional com uma mulher. Anne se relaciona com os dois últimos, em nenhum momento se coloca espantada ou entende que há algo errado com eles.

Figura 5 – Cole, Anne e Diana

. Fonte: wherever-i-look.com

Sua postura busca naturalizar, a vista dos telespectadores, as relações afetivas. A naturalidade que os debates são trazidos aparece como contraponto dos momentos de tensão. Essa postura sensível é notória em uma conversa com Marilla, depois de voltar de uma festa na casa de Gertrudes: “Acho que também aprendi algo sobre o amor. Não é igual pra todo mundo. Pode ter muitas formas diferentes. O que pode haver errado com uma vida se for vivida com quem você ama?” (ANNE, Temporada 2, Episódio 7).

“Você é branco, tem opções”

Outro debate caro ao contexto educacional que ganha destaque na série a partir da segunda temporada é o que aborda a questão étnico-racial. Aqui cabe contextualizar que a temporalidade retratada na série diz respeito ao final do século XIX e início do século XX, período ainda recente e muito marcado pelo século anterior, o qual foi caracterizado pela modernidade e por diversos e importantes avanços no campo da ciência – inclusive nascedouro daquelas que seriam conhecidas como “ciências humanas” –, mas que, a esse respeito, também tem, como traço distintivo, ser o tempo propício à efusão das chamadas teorias eugênicas, buscando em fatores pseudocientíficos a seleção e categorização das chamadas raças a partir de escalas evolutivas da espécie humana (HOBSBAWM, 2002, p. 351-354).

A introdução do personagem Sebastian, um homem negro liberto, que se torna amigo do personagem Gilbert Blythe após se conhecerem e trabalharem juntos no navio são bem sintomáticos das discussões que a série irá propor durante a segunda temporada.

Figura 6 – Bash e Gilbert



Fonte: pinterest.com

A problemática inicial se estabelece com o personagem expressando conformismo com sua péssima condição de vida e trabalho, receoso de perder seu emprego subalternizado e precário no navio.

Ao longo da série e, após desenvolverem amizade, acordam em estabelecer uma sociedade de trabalho, quando Sebastian deixa para trás sua vida no navio para viver na comunidade de Avonlea. A introdução de homem negro na pacata comunidade rural de proprietários brancos descendentes de colonos ingleses marca o início das discussões sobre o racismo, primeiro com o espanto e trato desconcertante dos vizinhos, e posteriormente com comportamentos de frontal segregação racial, por exemplo, ao ser humilhado, ter a recusa do direito de comprar produtos e ser expulso de um armazém por um comerciante branco: “não encontrará ajuda aqui. Deveria estar com sua gente no gueto. Para gente como você, fora da cidade. Fora da minha loja! Volte ao seu lugar, com outros delinquentes e indigentes” (ANNE, Temporada 2, Episódio 8).

Da mesma forma, outro constrangimento se dá em sua tentativa de tomar o trem para a cidade, ainda que, novamente, na condição de pagante, sendo-lhe determinado que viajasse no vagão de carga. Nessa ocasião, enfatiza-se um emblemático diálogo de confrontação entre Sebastian, Gilbert e dois funcionários da companhia de trem. Entre

eles, um branco, com notável posição de mando; e, outro negro, Isacc, carregador de malas. Pelo funcionário branco, é dito a Sebastian: “neste trem, gente de cor trabalha” (ANNE, Temporada 2, Episódio 8).

Estas e outras cenas marcam o propósito da série de trazer o debate étnico-racial, o qual também vem tendo notoriedade mundial acentuada na última década deste século. Mais uma vez, utiliza-se o recurso de estabelecer o diálogo entre duas temporalidades, o tempo presente que conduz a produção da obra televisiva, e que atende aos anseios sociais de superação do racismo, bem como o tempo histórico que a série visa a retratar, a já mencionada época de transição para o século XX e suas profundas ligações com a mentalidade racista dominante desenvolvida no período anterior.

A temática sobre os conflitos étnicos também é perpassada pelo surgimento de outros personagens, os indígenas. Neste caso, além do estereótipo do incivilizado, pagão e “bárbaro”, há uma diferença de tratamento em relação aos desafios enfrentados pelo negro Bash. Há uma preocupação em “civilizar” e “salvar as almas” dos indígenas, especificamente as crianças. Neste aspecto, a temática da instrução dialoga com os debates historiográficos da educação, que tratam do projeto educacional atrelado a uma estrutura de poder e dominação, tanto cultural quanto religiosa.

Podemos fazer uma alusão ao processo ocorrido no Brasil, em que os negros eram proibidos por lei de frequentarem as escolas (FONSECA; BARROS, 2016) o que não significou sua ausência total desses espaços, enquanto aos indígenas, desde o início do processo de colonização, buscou-se evangelizá-los, catequizá-los e instruí-los (PAIVA, 2003).

É marcado na série o “encontro de duas culturas” (IGLÉSIAS, 1992) tão presente nos processos de colonização, problematizando a ideia de “educar para civilizar”, outra marca presente no século XIX quando se trata de História e Educação (ALVES, 2011). No entanto, Anne se coloca como alguém disposta a se aproximar e conhecer a respeito da diversidade existente entre os povos daquela cultura que ela se deparava. Em um primeiro contato com a aldeia onde vivia Ka’Kwet, após presenciar as experiências e costumes indígenas, ela diz: “É engraçado como as pessoas são rápidas em reparar as diferenças, mas somos parecidas de várias formas” (ANNE, Temporada 3, Episódio 1). Mas, apesar de estar aberta a essas relações, por outro lado, Anne pertencia ao mundo dos brancos e, por mais que fosse questionadora, do mesmo modo, reproduzia os valores e crenças, inclusive, a crença na escola como algo positivo e necessário às pessoas. Foi assim, que ingenuamente, corrobora com a proposta para sua amiga indígena passar a Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 1, n. 3, p. 111-131, set./dez. 2019

frequentar uma escola do governo. Tratava-se de um internato, onde aprenderia a ler e escrever em inglês. O internato religioso não permitia que as crianças falassem em sua língua originária e havia um claro processo de aculturação, onde educação e religião estavam atreladas como uma única coisa.

Figura 7 – Ka'Kwet, antes e depois da intervenção escolar.



Fonte: medium.com

A série aguça o questionamento por parte do telespectador ao encenar situações em que se destaca, como descrito anteriormente, a imposição de uma cultura. Ao mesmo tempo, aponta o conhecimento que os povos originários possuíam e que eram negligenciados em detrimento de uma cultura considerada superior. É o que notamos no episódio em que a professora, Sra. Stacy, substituta do Sr. Phillips na escola, leva os alunos para uma aula de campo na floresta. Um aluno se machuca e uma anciã indígena é chamada para ajudá-lo. Ela usa de conhecimentos medicinais originários (mel para combater a infecção, planta que ameniza a dor) e trata do ferimento. Gilbert, que pretendia ser médico, fica impressionado com o conhecimento indígena.

A cena permite uma reflexão sobre quanto conhecimento é negligenciado ao se desconsiderar alguns povos como capazes e possuidores de cultura e saberes. Gilbert, conversando com Bash sobre o ocorrido indaga:

E as abelhas...são geniais. Como elas produzem uma substância que pode curar feridas. Por que isso não está em nenhum dos livros de medicina que eu li? E a curandeira usou casca de salgueiro para dor. Por que não podemos usar a natureza para o

bem da medicina? Faz você pensar, não faz? O que mais não sabemos? (ANNE, Temporada 3, Episódio 5).

Os indígenas possuem conhecimentos transmitidos de forma geracional, que também são processos educativos, que imprimem a cultura de forma a compartilhar e manter práticas e habilidades a partir da experiência, podendo ser desmantelado se a essência dessa relação for quebrada. A série demonstra como o processo de escolarização, nesse caso, atuou para anular a base cultural desses povos. Tais evidências são expostas quando Ka'Kwet consegue fugir da escola e retorna para a tribo Mi' Kmaq. Mesmo com o pouco tempo de escolarização, já havia perdido a habilidade com o artesanato, por exemplo, além de não possuir mais a harmonia da convivência nas relações estabelecidas em seu lugar de origem.

“Na minha época não tínhamos escola”

No decorrer dos episódios as lembranças de Anne – dos tempos do orfanato e também dos lugares e das diversas famílias em que passou – vêm à tona, elucidando parte da infância perdida pelo trabalho. Porém, vale reforçar que, apesar da infância comprometida, o gosto pela leitura e pela fantasia por ela proporcionada, faz com que Anne se expressasse de um modo que chamava a atenção de todos em seu convívio. Logo no primeiro episódio, Marilla pergunta se Anne já havia ido à escola. Ela responde que por pouco tempo, pois, o trabalho doméstico, cuidando das demais crianças das casas que vivia, a impedia. Deste modo, a escola se apresenta na vida da personagem como algo extremamente prazeroso e encantador, um descobrimento. No entanto, ao frequentar a escola, Anne descobre os desafios e enfrentamentos que teria à frente. O estigma de ser órfã é explicitado pela reação dos alunos com sua chegada às aulas. Ela é indagada se havia frequentado uma “escola para órfãs”. Partindo deste ponto, podemos apontar como a série ajuda a pensar as possibilidades de relacionar os conteúdos tratados com a História da Educação. Sabemos que houve ao longo do processo histórico tipos distintos de escolas voltados para os mais variados grupos sociais e público escolarⁱⁱ.

Depois de um mal entendido na escola, os pais dos alunos sugerem que Anne estude em casa. Muito religiosa Marilla chama o pastor para dar alguns conselhos. Ele diz para Anne aprender os afazeres domésticos e ficar em casa esperando para casar. Essa fala mexe com Marilla, que percebe a função social que sempre cumpriu na vida. Marilla, em sua fala expressa a Anne que ela deve “decidir o que deseja fazer e se esforçar para

isso.” A escola é vista como uma possibilidade de emancipação, de modo que a mãe adotiva acrescenta: “Na minha época não tínhamos escola. Acho que deve decidir sozinha” (ANNE, Temporada 1, Episódio 4).

Na história televisionada a escola é multisseriada, com alunos de diferentes faixas etárias, além de citar a possibilidade dos alunos de educarem em casa, características, igualmente, encontradas na História da Educação do Brasil no século XIX (FARIA FILHO, 2003). As mudanças educacionais são explicitadas na figura da nova professora, senhora Stacy, que utiliza de métodos não convencionais.

A representação docente na figura da mulher condiz com o processo de feminização do magistério, que fez com que as mulheres fossem substituindo os homens na educação das crianças (LOURO, 1997). Com o avanço do processo de escolarização, os métodos utilizados no processo de instrução se tornaram objetos de discussões, que colocavam em questão a própria função social da escola e da educação.

Essa tensão pode ser percebida no episódio em que a professora é “julgada” pela comunidade, em um conselho, para decidirem se deveria continuar a lecionar ou não. O fato se deu após alguns incidentes ocorridos, frutos de seus métodos inovadores, além do perigo que sua própria figura representava para as outras mulheres, já que era uma mulher independente, não tinha marido e foi vista em companhia de um homem casado. Mesmo ocupando os espaços das salas de aula, as mulheres continuaram a sofrer um controle moral por parte da população e das instituições. No caso do Brasil, por exemplo, desde o século XIX as professoras, para lecionarem, precisavam apresentar a autorização do marido (se fossem casadas), um “atestado de moralidade” do pároco do local onde residia e um nada consta do delegado, além de ter que conviver com as denúncias de possíveis desvios morais por parte da população (SILVA, 2012).

Segundo Schueler (2005) havia uma complexa rede de relações elaboradas e vivenciadas pelos professores, que coletivamente se esforçaram, desde o século XIX, na tentativa de construir e afirmar identidades, que eram provisórias, fluidas e mutáveis, pois compunham um processo histórico. Para a autora, “em meio às contradições, ambiguidades, diversas práticas e representações da profissão e múltiplas e multifacetadas experiências docentes” (SCHUELER, 2005, p. 381), os professores e professoras construíram e reconstruíram suas identidades, processo que representa uma característica do “fazer-se” dos professores e professoras. Os professores e professoras não debatiam apenas questões que envolviam diretamente a escola, mas envolveram-se

com diversas “questões sociais e educacionais de seu tempo” (SCHUELER, 2005, p. 382).

No “julgamento” da professora, temos um embate interessante entre duas perspectivas educacionais. A primeira, de forma tradicional, vinculada aos costumes religiosos, que construía uma visão de criança e de função social bem definida; a segunda, de forma inovadora para época, que visava aumentar a potencialidade das crianças e a construção de outro mundo a partir da educação. O reverendo é convidado a ler sobre os princípios da educação que a comunidade deveria seguir, bem como ilustrar o papel do professor. Ressaltava:

Um professor deve impor regras e manter a ordem. Deve ensinar os alunos a ser obedientes, a ter fé, a respeitar os mais velhos a ter moralidade. Estes são os princípios da educação. Crianças devem se calar, respeitar e ser honestas. Pontuais, asseadas e organizadas. O objetivo da educação é criar uma força de trabalho melhor, com ênfase no bom comportamento, na habilidade de seguir instruções e no uso da memorização. Não existe lugar para brincadeiras e atividades sem sentido. A memorização e a declamação garantem uma educação apropriada. Compreender conceitos ou ideias não tem valor dentro de nossos objetivos (ANNE, Temporada 2, Episódio 10).

Percebam que há uma coerência com a sociedade conservadora, ou seja, a escola deveria manter os valores morais já reproduzidos pela sociedade. Não era, portanto, um lugar de transformação. Ao contrário disso, a educação escolar atuaria para a conformação do *status quo*. Por outro lado, a professora Stacy, defendia o seu método dizendo que as “aulas práticas e a participação ativa se provaram mais efetivos do que aprendizagem mecânica.” E continua fazendo uma relação entre educação e progresso, que significava, naquele momento, mudança de perspectiva. Segundo Stacy “por que não ensiná-los a pensar por si mesmos?” [...] “Sonhadores mudam o mundo. Mentes curiosas nos impelem para frente” (ANNE, Temporada 2, Episódio 10).

Figura 8 – Experiência científica ensinada pela Senhora Stacy

. Fonte: www.netflix.com

O desfecho do episódio culmina com a “absolvição” da professora, mas não antes dos alunos saírem em defesa da sua mestra. Para evidenciar o que tinham aprendido com a professora, “os pupilos” se reúnem para demonstrar à comunidade de Avonlea ser possível aprender de outras formas e com finalidades mais grandiosas para a sociedade. Ao demonstrarem a possibilidade de fazer energia utilizando métodos científicos e uma batata, Anne acrescenta: “Diga-me e eu esquecerei. Ensine-me e eu lembrarei. Envolve-me e eu aprenderei. Ser diferente não é ruim, só não é ser igual” (ANNE, Temporada 2, episódio10).

Considerações finais

Refletir sobre o papel ou a dimensão educativa da série *Anne with an E* nos remeteu a uma reflexão sobre a própria definição de educação. “Ninguém escapa à educação” (BRANDÃO, 1981), logo, é preciso pensar sobre os mecanismos que envolvem os processos educacionais, formais ou não. Neste sentido, consideramos que nada que seja produzido pelos homens e mulheres, que habitam este mundo e se relacionam socialmente, seja totalmente feito de forma despretensiosa ou sem uma intencionalidade.

Quais os interesses educacionais que permeiam a literatura, o cinema, as séries, as novelas, os programas de TV, os impressos, o teatro, as artes, a religião e toda forma de expressão humana? Qual educação encampa nas nossas vivências cotidianas, nos

enfrentamentos que nos permeiam, naquilo que ignoramos, silenciemos ou que damos demasiada atenção?

O encontro de temporalidades, o livro transformado em série, nos permitiu pensar nas estruturas que não se rompem de imediato, nas resistências da existência de sujeitos que não se enquadram aos padrões, nas experiências de povos que não tem suas potencialidades reconhecidas como tal, que sobrevivem e compartilham conhecimentos que se tornaram às vezes perigosos.

Foi assim que Anne nos apresentou o racismo, a homofobia, o preconceito contra as mulheres, do mesmo modo, que nos apresentou a resistência e a diversidade. Aprendemos que as pessoas mudam, que a relação de amor e a crença verdadeira na defesa daquilo que é justo toca profundamente o ser humano. Como Anne diz:

A vida toda precisei lutar contra a ideia de que não sou nada além de alguém descartável, que pode ser passada adiante, ou que não sou capaz de ajudar só porque sou menina. Mas compreendi que eu era a mesma pessoa o tempo todo. Agora sou amada, mas quando não era, não significava que eu não era digna. Ninguém além de você pode determinar seu valor (ANNE, Temporada 3, Episódio 6).

Por fim, Anne nos remete ao campo da História da Educação, não apenas pelas temáticas que a série traz que são caras a esse campo do conhecimento, mas principalmente pela menção a ideia de que a vida das pessoas, suas trajetórias, suas experiências, também são educativas. Assim, vislumbramos em Anne uma postura educacional: se colocar no lugar do outro.

Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. Regimes de Historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do Ensino de História. In: GABRIEL, Carmem T.; MONTEIRO, Ana M.; MARTINS, Marcus L.B. (Orgs.). *Narrativas do Rio de Janeiro nas Aulas de História*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

ALMEIDA, Cíntia Borges de. *Um país de poucas letras? Experiências de educabilidade, instrução obrigatória e analfabetismo na “Cidade Maravilhosa” (1900-1922)*. 2018. 375 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ALVES, Cláudia. José Veríssimo. A Educação Nacional. In: XAVIER, Maria do Carmo e HAMDAN, Juliana Cesário (Orgs.). *Clássicos da educação brasileira*, volume 2. Belo Horizonte: Mazza, p. 27-48. 2011.

Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 1, n. 3, p. 111-131, set./dez. 2019

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A Vocação do Prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. Trad: J. Guinburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo : Perspectiva, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

COSTA, Ana Luiza J. da. *O educar-se das classes populares oitocentistas no Rio de Janeiro entre a escolarização e a experiência*. 2012. 274f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, USP, São Paulo.

ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FARIA FILHO, Luciano M. de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES *et al.* *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FRACCARO, Gláucia C. C. *Os Direitos das Mulheres: Organização Social e Legislação Trabalhista no Entreguerras Brasileiro (1917-1937)*. 2016. 198f. Tese (Doutorado em História). Unicamp, Campinas.

FONSECA, M. V.; BARROS, S. A. P. (org.). *A história da educação dos negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016.

HOBBSAWM, Eric. J. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 7 ed., trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo, 1988, 546p.

IGLÉSIAS, Francisco. Encontro de duas culturas: América e Europa. *Estudos Avançados*, 6 (14), 1992.

KIRCHNER, Cássia Aparecida Sales M. *Leituras e leitores da Coleção Biblioteca das Moças*. Pontos para uma pesquisa a partir das marcas de leituras feitas por normalistas. Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação. Circuitos e Fronteiras da Educação no Brasil. Cuiabá, MT, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (org.), BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997.

MAC CORD, Marcelo. *Artífices da Cidadania*. Mutualismo, educação e trabalho no Recife oitocentista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

PAIVA, José Maria de. A educação Jesuítica no Período Colonial In: LOPES *et al.* *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PERROT, Michelle *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

RAMALHETE, Mariana Passos; STEN, Samira da Costa. Crítica ao eterno feminino em Anne de Green Gables, de Lucy Maud Montgomery. *Travessias interativas*. São Cristovão -SE, nº 16, vol. 8, p. 432-443, jul./dez. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/RAFAEL/Downloads/10301-Texto%20do%20artigo-29248-2-10-20190317.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2020.

RIZZINI, Irma (1993). *Assistência à Infância no Brasil: uma análise de sua construção*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Universitária Santa Úrsula.

SCHUELER, Alessandra. Representações da docência na imprensa pedagógica na Corte Imperial (1870-1889): o exemplo da Instrução Pública. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.31, p. 379-390, set/dez 2005.

SCOTT, Joan W. História das mulheres. In. BURKE, Peter. (Org.) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Unesp. 1992.

SILVA, Marcelo Gomes. “*Por meio da resistência*”: processo de profissionalização docente no Manifesto “Ao Professorado de Minas” (1900). 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Marcelo Gomes “*Operários do pensamento*”: trajetórias, sociabilidades e experiências de organização docente de homens e mulheres no Rio de Janeiro (1900-1937). 2018. 304 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro F. S. e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios da teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

RECEBIDO: 01/06/2019
APROVADO: 03/08/ 2019

RECEIVED: 01/06/2019
APPROVED: 03/08/ 2019

RECIBIDO: 01/06/ 2019
APROBADO: 03/08/ 2019

ⁱ No Brasil, o livro foi publicado por três editoras. A primeira edição, chamada *Anne Shirley*, foi lançada em 1939 pela Companhia Editora Nacional como o 65º romance da Coleção Biblioteca das Moças, sendo traduzido por Yolanda Vieira Martins. Posteriormente, a obra foi dividida em dois volumes e relançada no ano de 1956. Em 2009, a obra foi lançada pela editora Martins Fontes com o nome *Anne de Green Gables*, traduzida por Maria do Carmo Zanini e Renée Eve Levié. Em 2015, novamente, pela editora Pedrazul, também levando o título *Anne de Green Gables*, com tradução de Tully Ehlers. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Anne_of_Green_Gables. Acessado em: 20/02/2020.

ⁱⁱ Não eram raras as experiências de escolas criadas para públicos específicos. Através de estudos sobre a História da Educação no Brasil sabemos da existência de escola para crianças pobres desvalidas (RIZZINI, 1993), escolas profissionais para mulheres (SILVA, 2018), escola criadas por trabalhadores (MAC CORD, 2012) e para trabalhadores (COSTA, 2012) e escolas específicas fundadas por iniciativas de Ligas que lutavam contra o analfabetismo (ALMEIDA, 2018).